

FELISBERTA 8







Idalia Morejón Arnaiz

Meu Concretismo Pop

Entre a decolagem e o pouso

A viagem

Pouso sem ser ave:

é nave

Nave voa que nem ave

Onde ela vai te deixar

Ninguém pode adivinhar

Rota sonhada

Vida magoada

Exercícios físicos

Faz atividade física? Faço, longe de mim ser sedentária. Não fumo, bebo pouco e carrego comigo este carma de gerações, estes genes, o peso dos dias, esta cabeça que não vem sobre os ombros, vem sobre o pescoço, porque os ombros, é o mundo o que eles suportam e por isso tenho hipercifose. Não sou preguiçosa, ando a pé por essas ruas levando tudo o que é desnecessário em minhas costas, só para ter certeza de que não vou utilizar, mas está tudo ali, são coisas minhas, é tudo o que tenho, pode-se dizer que configura um patrimônio. Juntei cada uma dessas peças como quem guarda pedaços de quebra-cabeças distintos na esperança criativa de montar paisagem própria, forçando encaixes e aceitando que buracos são também composição de destinos. Portando sempre meus objetos, sou meu meio de transporte, meu caminhão de mudança para cada apartamento semimobiliado alugado e, no percurso, perco bibelôs e memórias, o que deixa mais leves as caixas de papelão e é por essa razão, ademais, que eu sempre fui bem magra, embora nunca, nunca mesmo, tivesse sentido medo de que uma ventania me levasse consigo. Tudo ótimo enquanto estiver perdendo bibelôs, o que não dá é para perder as chaves, a cabeça ou o prumo. Eu sou muito ativa, me exercito, escrevo, apago, escrevo, reviso; no ano seguinte, eu abro o mesmo texto e reviso, apago, escrevo, guardo, esqueço. Esse exercício fortalece a mente e os ossos, explico, ele recomenda musculação três vezes por semana, no mínimo. Pergunto se ele já experimentou um teto desabando sobre si e tendo de levantá-lo com as mãos, no sentido oposto à gravidade, e isso na hipótese boa, que é a de ter um teto; ele me diz academia, corrida, pilates, eu digo meu querido, você não faz a menor ideia do que é ser uma mulher.

Cartografia

No canto da tela com o mapa,
há uma escala de grandeza que diz
1:300.

Cada trezentos metros do meu caminho estão reduzidos a um centímetro,
nessa escala de grandeza cartográfica.

Acho engraçado dizer *escala de grandeza*.
Eu poderia falar: *Numa escala de grandeza, eu parti o pão e te deixei o pedaço maior*.

Se diz também *está para*, na leitura das escalas: "um *está para* trezentos".
Esses trezentos metros foram reduzidos
para que, no caminho,
eu não desvie o olhar,
para que eu esteja para,
ou o objetivo de chegar
não se cumpre.

Na física quântica,
o lugar existe enquanto eu olho para ele.
Ele *está para* mim,
reduzido à escala de minha retina,
que é de 1:10 metros de visão frontal e periférica.
Para mais que isso, o mapa
e a grandeza de encerrar o que não existe,
porque não estou olhando.

Língua morta

Fizessem uma perícia a cada vez que morre uma língua, constatariam males que incluem assassinios, genocídios, catástrofes naturais e outros desastres que geram órfãos, herdeiros de um inventário volátil e invisível. Onde o cemitério das línguas não mais ditas ou escritas, usadas, um dia, para dividir a terra em que se plantou o primeiro grão, onde se fincou a primeira bandeira, onde se construiu a primeira cerca em madeira e então se disse *é meu*? Em que língua uma mulher foi originalmente ofendida e deu seu grito inaugural de horror? Os despojos conhecemos até hoje, os despojos da guerra são do vencedor e a língua mantida viva também, em sua glória. Como se diz *meu* na primeira língua morta? Como se diz *eu*? Como se diz *não cante essa canção em voz alta, não narre esta fábula*? Fato é que hoje e em qualquer raio de futuro, mesmo antes do café da manhã, conviveremos com restos mortais de línguas por todos os cantos da casa e do corpo, no pensamento, no olho do outro, nas plantas no vaso sobre a mesa, perpétuas (ou *Gomphrena globosa*). Há uma língua que não diz mais e não se entende, mas se sabe, exatamente como a conversão do dinossauro em galinha. A língua de carne, essa também pode morrer, mordida ou queimada, ardendo, dizendo três vezes palavra de maldição, cortada a faca para aprender que alguns vocábulos talvez devessem estar mortos também. Sepulta-se uma língua e ela jaz num túmulo em que se busca desvendar a pequena fotografia preta e branca, sem data ou epitáfio. Uma língua, hoje, é algo que existe primordialmente para dizer *fique aqui, em dez minutos poderemos enxergar o satélite*, e é a partir dessa fala que todo o mundo se recompõe e gira. Uma língua morta é um fantasma triste que corre de medo de crianças. É uma sobra nas sombras, a cápsula do tempo enterrada, acidente de trabalho de escavação.

Duda Las Casas

Alfabeto

Sim sim sim
Vou soldar o amor próprio
catalogar e classificar
o espaço entre as estações
Cuidado com o inverno
esse prédio
é alto demais
Vamos ter verão
ainda dá tempo de perceber
não é o tempo que faz a gente
esquecer Alguém
No espaço entre o eu e o tu
As Senhoras do Princípio
me deram tranquilidade
Na travessia fui de Sirius até Havona
as regências subiram
Para compreender os destinos da alma
os semi-deuses acham
que devo mudar de nome
enquanto
passo o rosto dos homens com o dedo
Na Toneleiros
percebo que
após o luto
não sofro mais por Ninguém
Baba Yaga diz
Fala tudo escreve tudo
escreve e fala tudo
Agora
uma Poeta do Verão
é na luz que consegue
soltar as palavras compatíveis
o pensamento da mão

o rabisco da Alma

Quando notei
você ficou longe
longe
do caos
da minha galáxia
faz falta ter uma impressora
Escaneia escaneia
o que dizia por aí
que eu fazia muito bem

As coincidências já são outras
Você não sabe
mas a minha especialidade
é nascer de novo
Vai agora nasce
de novo
Você não sabe mais
a letra do meu Nome
segue outras encarnações
assim como esse Touro que saiu
de dentro de mim

Quantas facas essa mulher lavou para esse homem?

Agora que o sangue desceu

procuro partilhar sonhos
como se estar por cima servisse
como um método contraceptivo
diagramo a mandala
o sangue passeia comigo
junto a serpente
retorno ao Rio
volto para buscar o que pensava ser nosso
visualizo a floresta brasileira
o búfalo
me agarro às orações
pouca probabilidade de ser arrastada por desejos
No primeiro dia do ciclo
não contarei mais
o tempo que leva para uma barba crescer

Tilsa Otta

Tradução de Mariana Ruggieri

O hormônio do escuro

Uma balada à noite não faz um verão
Mas acredito no fervor
Eterno recreio
No agito da massa crítica
Inclinando-se perante si mesma
Quem nunca sonhou com a razão?
Que bom
Que livros bons você tem
Nunca esqueça
Que os sites pornô são perigosos
Ativam lembranças de outras vidas
E depois você não consegue fechá-las
Nunca esqueça
Transmitimos o vírus da linguagem internacional do amor
Deuses pagãos
Nos deram a vida mas queremos mais
Tenho três cromossomos X mas quero +
+++
Quero ser o hormônio do escuro
Quero ver
Quem pode abrir mais a boca
Quem tem a língua mais comprida
Mais policiais desarmados e armados de novo
Quem colocou um orifício onde havia uma lei
Um fiu-fiu onde tinha um apito
Histórico parando o trânsito
Os semáforos ficam vermelhíssimos
As janelas para a rua não estão funcionando
Nosso corpos
Têm goteiras e dançamos
Em uma posição etéropatriarcal quer dizer
Apenas metafisicamente presentes e as nuvens

Muito ocupadas chovem e gozam
Sobre o esgoto com a careta crítica de bebê aos cítricos
Assassinos de aluguel de todo mundo
Nos perdoaram a vida mas queremos mais
Tenho três desejos mas quero +
Todo o gênio
Todo o desejo
Quero ser o hormônio do seu crescimento
Salvar as pessoas
Vamos para a cama recuperar sonhos
O mundo não deixa de nos observar
O editor cobrirá as partes íntimas
Com buracos negros
Nunca esqueça
Que somos recheados do mesmo deus de pelúcia
Que abraça as crianças quando elas têm medo
Por sorte existe todo tipo de gente
Amigos imaginários e amigos de verdade
Gente que acredita em gente e por isso somos possíveis
Nunca esqueça
Que existem planetas em outras vidas

Idalia Morejón Arnaiz

Tradução de Clarisse Lyra

Mistério do feto imortal

Para Javier

Dizem os sábios do Tao:

o nirvana termina quando é cortado o cordão umbilical.

Nascitura fui em questão de minutos

(nada lento o procedimento).

A contrapelo via escalpelo abandonei o nada

para criar dentro de mim o feto imortal.

Um poeminha com teosofia

Para Javier

Antes Sócrates que Aristóteles visto que
a técnica não é a técnica.
Somente um iniciado para entender
a impureza discursiva de Steve o boxeador
amador.

Na grande luta golpeio de leve a poesia.
Como bebês e porquinhos
mantenho-a no curral.
Nada ideal.

Antes Plotino e Prometeu se bem que não
me arriscaria com cartazes no Vale da Carne
escarpado demais nas alturas.

Antes Platão ainda
que fosse republicano.

famíliaS

Para Javier

ginasta da contradição

segredos não revelados

fazem de você animal

alerta para não fraquejar

cutucando o vazio com vara

curta

Margarita Roncarolo

Tradução de Clarisse Lyra

Coisas que acontecem nas noites de Chacarita

Pouca gente
pode entender perfeitamente
em que consiste a passagem do trem
das 3h50.

Um trem que mansamente
plana
ruminando sobre a via.

Um trem romântico:
deveria levar rosas.

O mesmo trem que passa pela via
ao lado de casa
algumas noites desvia
e entra pela cozinha
e meu pai desce
senta-se à mesa
e deixa esse trilho
no meio do meu peito.

Qualquer dia desses vou escrever um telegrama para meu pai

Sim, é o melhor que eu poderia fazer.

Vou escrever um telegrama e vou lhe dizer que volte.

Por um tempinho.

Será um telegrama urgente.

Vou copiar a sua letra e vou escrever um telegrama com a sua letra.

Para que ele leve a sério, se confunda e obedeça.

A vida era isso

(O entardecer de inverno a avó estava diabética o neto estava sadio o açúcar da avó tinha baixado estavam na cerca o trem na via o neto no carrinho)

E então a coisa veio assim:

Sem forças nem tempo para acender a luz da cozinha

A avó na cadeira

O neto no carrinho

Um alfajor eu

Um alfajor ele

Um alfajor eu

Um alfajor ele

Um alfajor eu

Um alfajor ele

A vida era isso

Pela porta do quintal

Saía a lua dourada

Nenhum dos dois perguntávamos nada

A vida era isso

Ninguém nos perguntava nada

O neto uma montanha de açúcar

E que ninguém me pergunte nada.

Dorothea Lasky

Tradução de Mariana Ruggieri

O sonho da sala de aula

Escutei você
Demonstrar piedade
Quero apenas
Demonstrar a minha

Qual o problema?
Ele começa na escola

As decisões então se acomodam
Que duram uma vida

Coloco meus fones de ouvido
Juro que o mar passou correndo

Os anos seguiam
Minha idade era 25, agora 36, logo 60
Sendo poeta
Não, sempre com 8. Não, sempre 17.
Vida eterna à juventude
Poetas verdadeiras
Entre nós

E quando deixei a sala

Quis dizer: Cacá, você é ótima poeta

Quis dizer: Poetas, vocês são pessoas muito muito legais

Quis dizer

O mar variável é verde

Quis perguntar por coisas que ajudariam na compreensão do oceano

Não as palmeiras
Mas os cacos de praia

Não coisas que importam
Mas coisas que importam realmente

Então eu agradeço a você por
Me ajudar a atravessar a rua

Seu barco e sua blusa vermelha
Que você me deixou usar

E eu agradeço a você pelo copo de água morna
A bebida verde-azul

Quis dizer

Quis dizer antes de sair eu agradeço

Quis dizer agradeço agradeço
Agradeço pela gentileza partilhada

Quis dizer
Agradeço a companhia
Agradeço por você salvar a minha vida

E agradeço por você encontrar a sua

Sob os dentes abrasivos

Sob o braço animal

Na cama laranja

Que tão quieta ao meu lado

Adormece

O sonho da sala de aula

Escutei você
^{demonstrar}
a sua piedade
Só quero ^{intencionalmente} apertar
~~o~~ ~~te~~ mostrar a minha

Qual o problema?
Ele começa na escola

As decisões se acomodam
Que deram uma vida

Essas coisas meus anos de estudo
Podiam ^{ser} que ^{parem} escuteis o mar ^{correndo}

Os anos seguem
~~de volta~~
Minha idade em 25, agora 36, depois 66
Sinto falta

Não, ^{como} ^o sempre. Não, sempre 17.

Vida eterna e piedade
Verdadeiras Poemas Verdadeiras
Entre nós

Gabriela Bejerman

Tradução de Eduarda Rocha

de qualquer jeito

deixávamos pulsar toda a pressa
roçávamos o ar dançando de manhã
usávamos vestidos e grinaldas
nos dávamos mil beijos de leite de lua
cantávamos canções, tomávamos manjares
tocávamos a fruta espalhada no jardim
mordíamos os lábios frescos e rosados
pintávamos o ar com os dedos
a pele entre os tecidos sussurrava uns te amo
manchávamos os livros com palavras dadas
de qualquer jeito, amamos em cores
penduramos nos cipós
morangos imperfeitos, promessas derretidas
e fomos um lampejo
comemos o tesouro
subimos para dentro, nadamos e giramos
finalmente acesas

fantasma

como se ninguém me visse

um fantasma transparente

que a luz dissolve

pele de ar

ouvidos de água

um halo dourado

uma bolha flutuante

coração resplandecente

sem bordas

Fotografia de capa de Tâmara Lyra
assim como as das páginas 1 e 2.

Fotografia da página 21 de Mariana Ruggieri.

Tâmara Lyra é artista visual e cartomante.

Os poemas de Lorena Grisi integram seu livro
Exercícios físicos, lançado em 2021 pela
ParaLeLo13s.

Os poemas de Duda Las Casas estarão em seu
livro *Viseira*, a ser lançado este ano pela 7Letras.

Idalia Morejón Arnaiz é editora na Malha Fina
Cartonera e autora de *Uma artista do homem*
(Lumme Editor, 2017) e de *Caderno de vias
paralelas* (Mariposa Cartonera, 2015).

Mariana Ruggieri é poeta e editora nas Edições
Jabuticaba, onde traduziu Eileen Myles e
Bernadette Mayer, entre outras.

Eduarda Rocha acaba de defender sua tese de
Doutorado sobre as obras de Angélica Freitas,
Cecilia Pavón e Fernanda Laguna!

Muito obrigada a Duda Las Casas, Eduarda Rocha,
Idalia Morejón Arnaiz, Lorena Grisi,
Mariana Ruggieri, Tâmara Lyra.

Muito obrigada a Tilsa Otta, Gabriela Bejerman,
Dorothea Lasky, Margarita Roncarolo.

FELISBERTA v. 8, maio de 2021

Edição de Clarisse Lyra

felisbertazine@hotmail.com